

ENTREVISTA REALIZADA DIA 25 DE OUTUBRO DE 1999.

(1) ENTREVISTADOR: ALEXANDRE FORTES

(2) ENTREVISTADO: JOÃO AVELINE

(1) ... Com esse microfone, _____, mesmo sem ficar na lapela, ele já capta bem.

(2) Vou botar. Vou botar o aparelhinho no meu ouvido, que eu estou ligeiramente surdo pra ser importante.

(1) Certo...

(2) Pode falar.

(1) Tá bom. Então, eu tinha conversado com o Sr.... Eu sou Historiador, faço meu doutorado lá na Universidade de Campinas, sou colega do João Marcelo, que fez uma entrevista...

(2) Uma entrevista comigo.

(1) Isso. Há um tempo atrás, né?

(2) É.

(1) E eu, na verdade, sou de um período anterior. O Marcelo está se concentrando mais no final da década de 50 até o início da década de 60, e eu tenho estudado... Bom, na verdade eu comecei minha pesquisa da década de 30. Estudei isso mais num trabalho no interior que eu fiz, e agora eu estou analisando mais o período que vai de 45 à 54. Estudando um pouco a ... Na verdade, o processo de industrialização de Porto Alegre, a ampliação da classe trabalhadora e o desenvolvimento daquela região industrial, ali, dos Navegantes - São João, o próximo Distrito... Então, conversando com o Marcelo, ele me disse que seria importante conversar com o Sr para.... O Sr. fazia a cobertura sindical para o Última Hora, é isso?

(2) Sim. Eu fiz cobertura sindical para o Última Hora, mas eu fiz num período posterior,...

(1) Posterior...

(2) ...o período de 59 até 64, quando deu o golpe militar e o Jornal fechou.

(1) Certo.

(2) Mas eu era muito ligado ao movimento sindical antes disso.

(1) Sim, sim.

(2) E o quê que tu queria saber, mais objetivamente?

(1) Várias coisas, na verdade. Por onde é que a gente poderia começar...? O Sr. era ligado ao movimento sindical antes, em que tipo de atuação que tinha?

(2) Que tipo de ligação?

(1) É. O Sr. algum sindicato específico, predileção partidária...?

(2) Duplo motivo: em 1º. lugar eu era membro do Sindicato dos Jornalistas, mais freqüentemente. Tinha uma vinculação ao movimento sindical, ainda que o próprio Sindicato não fosse muito identificado com o movimento sindical geral.

(1) Certo.

(2) Porque o movimento sindical geral, era clandestino. Porque tinha umas organizações oficiais, que eram os sindicatos e federações, mas não havia um órgão ultra-sindical legal. Como hoje, por exemplo tem a CUT, tem a Força Sindical e outros troços que existem por aí, que se propõem à isso. No governo Dutra, o movimento sindical brasileiro tentou criar a Confederação Nacional dos Trabalhadores. E realizou-se no Teatro Municipal do Rio um congresso, um grande congresso, com participação de delegados de todo Brasil e, em pleno congresso, o fim do congresso, quando houve a decisão da criação de uma central sindical, o governo Dutra, expressando a preocupação das classes dominantes da época, evitou que isso acontecesse, entrando na ilegalidade a própria central sindical. Já entrou, já ficou clandestina. E o movimento sindical, inconformado com isso, um

setor, uma parte do movimento sindical inconformado com isso, mais precisamente, os comunistas que atuavam no movimento sindical, resolveram se insurgir contra isso e encontraram como saída formar a organização paralela. Então, aqui no Estado do Rio Grande do Sul, foi formada a UET, União Estadual dos Trabalhadores, que tinha uma atividade paralela ao movimento sindical, que pretendeu ser uma inter-sindical do movimento sindical, mas que não tinha de maneira nenhuma o apoio, o real... muito menos relações com o movimento sindical. O movimento sindical se negava ao relacionamento e não reconhecia a UET como órgão de cúpula do movimento sindical. Então, essa organização, como não podia deixar de ser, fracassou. Tinham dois, tinham dois... Tinham dois, à rigor, tinham dois dirigentes de expressão que eram o Eloi Martins, que era o presidente e Walter Guimarães, que era o secretário geral da Organização. Era isso que existiu no movimento sindical aqui, naquele período, nesse período de 1950, por aí. Bom... O movimento sindical normal, legal, vamos dizer assim, que era o movimento sindical tradicional, sindicatos e federações, era um movimento integrado por pelegos, rigorosamente pelegos, e por pessoas que, não sendo pelegos, não tinham uma visão maior e eram pessoas até bem intencionadas. Era essa, era isso... Naquele tempo nós caracterizávamos o movimento sindical com o delegado, mas não era isso!

(1) O Sr., dentro dessa classificação, onde o Sr. situaria, por exemplo, o Mesquita no Sindicato dos Metalúrgicos? _____

(2) O Mesquita estava... Já a história do Mesquita é uma história bem sinuosa. O Mesquita começou como dirigente sindical, como militante, como trabalhador metalúrgico; ele à rigor, ele não trabalhava em nenhum setor, ele trabalhava na burocracia da empresa, e ascendeu à condição de presidente do Sindicato. O Mesquita era membro do Partido Comunista Brasileiro nessa época. Depois, se elegeu vereador. Mas, muito pressionado, a guerra fria estava no auge, se projetando, então no auge desse processo o Mesquita, muito pressionado, se

amedrontou e, publicamente, se desligou do Partido Comunista e foi expulso. Disso resultou, concretamente, a expulsão do Eloi... do Eloi Martins do Sindicato. O Eloi Martins era integrante do Sindicato como operário metalúrgico, e o Mesquita, dando conseqüência ao seu comportamento em relação à postura da classe dominante, expulsou. Porque houve um incidente no Sindicato, por ocasião de um Ministro do Trabalho que estava aqui, que fazia um discurso, uma conferência no Sindicato dos Metalúrgicos, e o Eloi teve a seguinte formulação, na hora de perguntas: que ele não entendia, uma pergunta malandra, que ele não entendia porque que os trabalhadores tinham que, todo ano, fazer movimentos salariais pra obter aumento de salário. Era uma ação de sacrifício, todos os anos, ele desperdiçava energias buscando maior salário, quando o ideal seria que o trabalhador fizesse juz a um salário digno e não precisasse permanentemente, estar buscando maior salário. Dias depois o Mesquita expulsou o Eloi Martins do Sindicato. Mas o Mesquita, posteriormente, teve uma postura de recuperação dessa sua própria condição de pessoa que agiu assim. Ele... Durante algum tempo ele se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro, quando saiu do Partido Comunista, se filiou ao PTB, continuou na sua trajetória mas depois voltou a condição de presidente do Sindicato, e aí nós tivemos com o Mesquita uma relação de frente única muito salutar. E o Mesquita passou a ter um comportamento, que não era um comportamento em relação às classes dominantes, não era um comportamento mais de pelego. Estimulado pelo retorno ao _____ dos comunistas, que tinham com ele uma relação mais ampla e menos auto suficiente, estimulado por isso e pela pressão que se amainou em relação ao movimento sindical, ele então teve um comportamento muito bom. Em relação ao governo ele não era pelego, apesar de ser muito relacionado com Jango e tal. Então, eu caracterizaria o Mesquita, à partir de um determinado período, numa das pessoas que, atuando no movimento sindical, tinha um comportamento não pelego.

(1) Certo, certo. É, porque estou tentando... É difícil eu precisar porque, dependendo dos documentos que a gente pega, conforme o período, dá uma impressão ou outra. Eu peguei um pouco as atas da Câmara e que aparece à partir do momento que ele se desfilou e tudo, e...

(2) É. E na Câmara Municipal, como vereador...

(1) É. Foi um episódio envolvendo _____

(2) É, por que o Eloi também era vereador. O Eloi também era vereador. Houve um choque muito grande.

(1) Claro, claro. Certo, certo... O que que eu ia perguntar...? A sua militância partidária começou em que ano?

(2) Bom, é! Eu tinha que complementar essa parte. A minha vinculação com o movimento sindical era obviamente pela minha condição de vinculado ao Sindicato. _____. Embora, nessa ocasião não tivesse nenhum cargo de direção. Mais tarde passei a ser um dos representantes junto a Federação. E, até hoje, eu sou membro da comissão _____ do Sindicato. Então... o outro lado que me orientava no sentido de participar do movimento sindical era a minha condição de comunista. Então, aliado à minha condição de cidadão vinculado ao Sindicato e membro do Partido Comunista, eu tinha como chegar ao movimento sindical e me insinuar, trabalhar e etc. e tal. E na UET, a mesma coisa. Isso só foi se alterar na medida que nós fomos nos convencendo de que essa posição isolacionista não dava resultado, e que culminou com o suicídio de Vargas. E, o suicídio de Vargas, o Partido Comunista deu uma volta de 180 graus em relação à sua posição frente ao governo Vargas. Que era uma posição de denúncia contra ele, colocando ele inclusive, junto, no mesmo nível do Lacerda e outros que estavam aliados e vinculados ao Imperialismo norte-americano; o partido que colocava isso à partir do suicídio teve uma virada, virou totalmente em relação à isso, e passou a ter, e passamos a ter uma política de aliança com os trabalhistas. E isso se refletiu fortemente, mais

objetivamente, organicamente, no movimento sindical. Passamos a integrar focos de direção, passamos a atuar igualmente com _____, e passamos a reivindicar as mesmas reivindicações, junto com eles. E mais! Tem um detalhe muito interessante. Os comunistas, vinculados ao movimento sindical, como dirigentes do movimento sindical, em relação ao Jango, desfrutavam de maior confiança do que os próprios trabalhistas. Porque o Jango, que não era bobo, percebia que a nossa política, a nossa formulação política, era muito mais objetiva do ponto de vista até de dar melhor conteúdo ao seu governo. A gente tinha uma política de aliança com ele. E tínhamos uma conversa... Os outros tinham uma conversa de subordinação. Era uma época que, hoje já não é mais assim. Um dirigente sindical conversa com o presidente da república, seja ele do partido que for, e tem uma política mais ou menos em igualdade de condições, em pé de igualdade. Naquela época, não. O movimento sindical de um determinado partido, ao atuar junto com um dirigente público que tivesse também vinculação com o mesmo partido, tinha uma posição de subordinação. Meio que na obrigação de respaldar os atos do governo. Hoje não é assim, mas naquela época era muito mais acentuadamente assim. Então... Fala.

(1) A sua militância no Partido Comunista foi quando?

(2) O Partido, o partido, o Partido Comunista foi fundado em 1921.

(1) Não, eu digo, a sua militância no Partido começou quando?

(2) A militância no Partido começou em 43.

(1) 43. Tá. Aqui em Porto Alegre...

(2) Não, no Rio de Janeiro. Estava no Rio de Janeiro e comecei a ... O Partido estava numa campanha contra o, o,... Uma campanha pelo envio de uma tropa expedicionária pra Europa, partindo do pressuposto que o envio de uma tropa expedicionária pra Europa, pra combater o nazi-facismo, conseqüentemente em favor da democracia, isso seria um golpe de misericórd... um golpe fatal para o Getúlio se essa força fosse. Porque era uma contradição uma tropa expedicionária

combater pela democracia tendo uma ditadura no País. E o Getúlio, nessa época, era um ditador, quando isso aconteceu, porque ele foi ditador de 37 à 45. Então, essa... E também porque era justo. O movimento, a humanidade estava ameaçada... Então, lutando, o Partido armou a campanha nacional pelo envio de uma força expedicionária pra ir. E eu me engajei nessa campanha, e a campanha foi vitoriosa, força expedicionária foi pra Europa, a Guerra terminou como tu sabe que terminou, e no Brasil todo mundo sabe que o Getúlio caiu, a democracia foi restaurada, ainda que com as dificuldades, tá aí até hoje.

(1) Certo. E o Sr. ficou por muito tempo no Rio?

(2) Não, não. Depois eu vim me embora pra cá, e aqui me filiei, tinha parentes aqui no Partido, me vinculei ao Partido...

(1) Pois é, essa é uma pergunta que... Porque eu encontrei material, documentação policial, inclusive, DOPS, _____... Carlos Aveline é...

(2) É. Eu tive um primo, Carlos Aveline, que foi, que era um camarada comunista, muito agitador e ele foi, se formou em advogado, foi pra Rosário do Sul, em Rosário do Sul ele se elegeu vereador, depois, por perseguição foi obrigado a sair da cidade, foi pra Rio Grande, se elegeu vereador, e depois foi, durante o golpe militar, ele foi assassinado. Ele foi... Ele foi assassinado indiretamente. Porque ele teve que sair do estado, foi pra São Paulo, o _____ foi descoberto, teve que ir pra Bahia, na Bahia ele foi... Morreu. Dizem, um médico, uma parenta dele me disse, médica, me disse o seguinte: ele, em São Paulo, na prisão, ele tentou o suicídio. E os caras, apavorados com ele, ele tinha perdido muito sangue, fizeram... injetaram sangue no organismo dele. Dizem, eu não sei, não sou médico, não entendo. Que uma injeção abrupta, uma introdução de sangue abruptamente, cria um choque, que teve como consequência, depois, a, a, _____ da morte dele.

(1) Era seu primo...

(2) E tinha a irmã dele, que era Inirce Aveline, que era professora e uma pessoa de certa projeção, então, quando eu cheguei aqui, primeira coisa, falei com a Inirce. Disse: “Olha...”. Ele estava em Rio Grande. E a Inirce: “ Não, não tem problema”. E, imediatamente...

(1) Isso, em que ano que o Sr. voltou _____.

(2) Isso foi em 1946.

(1) Tá. Quer dizer, a partir desse período o Sr. estava integrado ao Partido aqui...

(2) A partir desse período eu fiquei integrado ao Partido até hoje. Que tá com outro nome, e etc..

(1) Então, deixa eu lhe fazer umas perguntas sobre a questão da política partidária do PC nesse período, aqui no estado, algumas coisas que eu tenho dificuldade de entender. Por exemplo, na campanha pra governador em 45, mesmo, né?

(2) Sim.

(1) O Partido, aqui, apoiou o Volta Jobim, não é isso?

(2) Não. Aqui, aqui houve o seguinte: o Partido... Não está bem clara essa posição, aqui. Aqui houve uma série de anomalias. Uma delas foi que o Getúlio, que tinha fundado 2 partidos, o Partido Trabalhista Brasileiro e o Partido Social Democrático, o Getúlio, nessa situação, aqui no estado, apoiou... o Pasqualine, apoiou o Jobim. Os dois. E nós, que tínhamos uma concepção absolutamente equivocada, que o inimigo principal nosso não era o imperialismo norte-americano, e sim o nacional reformismo. Como o nacional reformismo nós colocávamos o próprio PTB. Que era o partido que buscava reformas, mas que não queria mudar o fundamental. E o Alberto Pasqualine era o teórico dessa situação, dessa formulação. Era um cara capaz, foi formulado. Ele tinha uma posição social... Hoje a gente percebe que ele tinha uma posição social correta. Naquela época, a nossa visão equivocada, esdrúxula, era de que o inimigo principal era o nacional reformismo que

_____. Então, nós íamos ao cúmulo de achar que o pior... Que o melhor era o pior. Então, dentro disso foi que houve esse apoio ao Jobim, nessa situação...

(1) Então, não havia...

(2) Que o apoio não muito difícil _____.

(1) Não muito _____... Sim. Havia alguma avaliação de que, por exemplo, o PTB poderia, nesse início, alguma avaliação de que ele poderia ser uma espécie de partido fascista? Por causa dessa história do Vargas no Estado Novo, alguma coisa assim?

(2) Não, não, não... Acho que nós não chegávamos a tanto. Mas nós tínhamos a convicção de que era um partido reformista, queria o governo pra enganar. Ele ia... E a gente considerava ele como inimigo. O mais perigoso! O mais perigoso. Porque enganava. E o outro, não. O outro era escrachado.

(1) Certo. Certo... E... Uma outra coisa que eu me espantei também, agora recentemente, é ver que com a proibição da sigla,... Eu sabia que inicialmente os candidatos aqui tinham saído pelo PSP, a _____, _____, a Marina...

(2) _____

(1) Mas, posteriormente, o que eu não sabia é que também se usou a legenda do PR, né? Do Partido Republicano, né?

(2) É. Aqui é o seguinte... O negócio do PSP: quando o Getúlio fez aquela política de aliança com o Ademar, em 50, que o Ademar o apoiaria e tal, o Partido sem legenda, tinha ido pra clandestinidade, fez um acordo com o Ademar. Então, nesse acordo, pra que o acordo ficasse... Nós concorreremos... Na... Como nós não tínhamos legenda, concorríamos na legenda do Ademar. Do PSP. Então, aqui, o Eloi ficou. O Eloi, e mais o pessoal do próprio Partido Social Progressista, que era o Ademar. E essa aliança não durou muito, não prosperou muito, porque o Ademar era o Ademar e coisa assim. Posteriormente, posteriormente, também

nós, querendo participar das eleições, mas não tendo legenda, meio que na preocupação que isso ocorresse, desesperados atrás de uma legenda, nós nos aproveitamos de uma convenção do Partido Republicano, cujo estatuto que estava em intervenção aqui, cujo estatuto dizia que o delegado do partido poderia convocar eleições e que seriam delegados todas aquelas pessoas que manifestassem o desejo de ingressar no Partido Social Republicano. No Partido Republicano. Então, nós tomamos a seguinte decisão: (em todo estado aconteceu isso), comparecer à convenção e os municípios do interior do estado, passaram telegramas para o Partido Republicano dizendo: “No momento em que Vossa Senhoria convoca patrioticamente a eleição do Partido Republicano, queremos manifestar nossa adesão a essa agremiação, etc e tal, pá pá pá...” Então, ele leu aquilo no plenário lá... Então vinha de _____ de Deus Vieira, Pico de não sei o que de Livramento, fulano de tal e tal, tal, tal... E assim sucessivamente. E as pessoas que estavam, compareceram a convenção, evidentemente, tinham a preocupação de também expor a sua condição de aderente ao Partido... Nunca um delegado do Partido Republicano, aqui, um interventor, estava exultando de satisfação pela grande afluência de pessoas que estavam, a sala encheu! O Partido sob intervenção, partido pequenininho, sem expressão nenhuma aqui, partido que só tinham expressão, à rigor, em Minas Gerais. Era o partido do Arthur Bernardes. Então, ficou satisfeito com aquilo e tal. E nós ficamos ali, participamos da... Mas aconteceu um fato que foi o seguinte: o Partido Trabalhista Independente, PTBI, que era uma dissidência do PTB, também resolveu comparecer a convenção. Resolveu comparecer a convenção e, chegou lá, ficaram definidos dois campos: um do PTBI e outro nosso. Republicano é que não tinha nenhum. E aí, começou o choque na mesa, porque eles queriam, o PTBI, que era dirigido por um líder sindical de renome aqui, o Véquio, José Véquio.

(1)Ah, tá...! O Véquio...

(2) Era _____ PTB. E era dirigido pelo José Véquio. Então, esse partido, esse partido, o PTBI, que era uma dissidência do PTB, uma movimento, lutando pela conquista da legenda, pra apresentar seus candidatos, que nos conhecia, e sabia que as nossas intenções eram aquelas que também eram as deles, procurou nos tirar fora. E aí houve uma enorme discussão e tal e coisa, entramos noite adentro e conversamos com eles, mantivemos conversações de madrugada... Eu estava nessa convenção. Mantivemos conversações com eles e tal... Mas, quando nós apresentamos a lista dos nossos candidatos, eles se apavoraram. Nossos candidatos eram o Eloi Martins, Julieta _____, Marino Rodrigo dos Santos... Então... Que eram pessoas conhecidas como comunistas e eles ficaram, não aceitaram. E, ao não aceitar, deu um bode, um bode filho da puta dentro da reunião, e, resultado: eles nos venceram. No voto. Nos venceram no voto e... Nós desligamos o telefone, fizemos o diabo lá dentro! E saiu candidato por parte deles um camarada chamado Terésio Meireles. E o Terésio Meireles, que era...

(1) Por parte deles?

(2) Da parte deles. Terésio Meireles, que era presidente do Sindicato dos Alfaiates, e que ficou naquela... Era um cara sério, um cara bom... Viu aquilo tudo, ele era do PTB e _____ para o PTBI, também, participando do PTBI, ele viu aquela discussão, viu a nossa palavra, o nosso discurso e tal, e o Terásio se definiu. E, lá pelas tantas, conversamos com o Terésio, e como prêmio de consolação, ficou o Terésio indicado por eles, mas a rigor, já sendo o nosso! Foi um troço, um processo rápido que aconteceu. Sem candidato, o Terésio foi nosso. Aí, saímos dali, conversamos com o Terésio, o Terésio se abriu, ficou, e o Terésio se elegeu vereador. O Eloi Martins, o Marino dos Santos e o Júlio Teixeira, lançaram um manifesto tão pobre no ponto de vista de *layout*, que era uma fotografia pequena, um 3 x 4... Que as gráficas, naquele tempo, eram de muito baixo nível, de muita capacidade técnica, pouca capacidade, e saiu um cartaz e um manifesto. O manifesto que saiu grande.

A fotografia do Terésio. Mesmo assim, nós conseguimos eleger o Terésio. O Terésio se elegeu vereador. E aí, evidentemente, romperam com ele, os caras queriam comer o Terésio vivo! E o Terésio foi nosso vereador durante muito tempo e como candidato, como delegado nosso, participou da conferência da União da Juventude Internacional, em _____ . Como representante da câmara municipal. Houve todo um trabalho que nós ganhamos o Terésio pra nós. Apesar do nosso sectarismo em relação as pessoas que não tinham nascido comunistas, mas nós aceitamos a idéia do Terésio. Então, nós passamos a ter um candidato eleito pela legenda do Partido Republicano. Por isso veio a idéia do Partido Republicano. E nós, nesse embalo, meio que passamos a ter uma certa influência no Partido Republicano, mas que era um partido que nós considerávamos muito pesado, na legenda não tinha nenhum componente que objetivasse uma estratégia social, então nós fizemos aliança com o Partido Socialista. E aí, se criou a aliança republicano- socialista. Através da qual nós elegemos o capitão Pedro Alvarêz, nós elegemos o _____...

(1) Pois, é. Exatamente. Pedro Alvarêz fez uma votação estrondosa! Não foi?

(2) Fez uma votação boa!

(1) Muito grande.

(2) Fez uma votação individual muito boa. O Alvarêz era o ...

(1) Qual a história prévia dele? A história política do...

(2) O Alvarêz?

(1) É.

(2) O Alvarêz é uma história riquíssima! Eu até tenho conversado com ele, de, considerado dele escrever alguma coisa sobre isso. O Alvarêz era oficial do exército. Foi inclusive, me colega no Colégio Militar. No Colégio... Na... Saiu oficial, e etc. e tal... Mas, o Alvarêz se inclinou para a esquerda. Era um cara que viu aquela, convive com a trama... Uma história mais ou menos parecida com a do Prestes. No contato

com a realidade, vendo os soldados e etc. e tal... A distância que existe entre o oficial, o chamado oficial, o superior e o subordinado... Vendo aquela relação, o Alvarêz se tornou comunista, se ligou, o Prestes se ligou, ele se ligou ao Prestes... Que era ligado à oficialidade do jovem do exército, ele ficou muito... E veio pra cá e continuou a carreira dele. E num dia 7 de setembro ele largou uma ordem do dia que teve uma repercussão enorme em todo o País. Chamando a atenção pra independência efetiva do país, Tiradentes foi um mártir... Uma consagração a Tiradentes. E que o País vivia subordinado, hoje, e tal. Isso aí determinou que houve uma reação muito grande, por parte das forças armadas, também, o Chateaubriant escreveu um editorial sobre isso na cadeia de jornais que lhe são associadas, e o Alvarêz terminou se lambuzando bem na atividade política, terminou sendo... Tendo, licenciado do exército, pra concorrer a candidato a vereador. Ele foi candidato a vereador, ele foi deputado, e foi cassado como deputado! Cassado, não em 64. Foi cassado antes pela própria _____.

(1) E ele não teve proximidade com o Partido?

(2) Manteve sempre uma... Hoje ele está no PT, tá vinculado ao PT.

(1) Ah, é?

(2) É.

(1) Interessante... É, eu encontrei coisas soltas sobre ele e, realmente, eu não tinha muita noção dessa história. E eu estava comparando agora os dados, sobre as eleições municipais...

(2) E na aliança, nessa aliança...

(1) ...e a votação dele, proporcionalmente, foi...

(2) ...republicano-socialista, o Lauro se elegeu pela Aliança. Aliança Republicano... Lauro Águima. Que também foi dirigente sindical.

(1) Radialista.

(2) Hein?

(1) Dos radialistas.

(2) É, como radialista.

(1) Como radialista. E...

(2) Não conversaste com o Lauro?

(1) Não. Eu conheci o Lauro, tive algum contato com ele nos primeiros congressos da CUT, coisa assim, a gente chegou a ... Mas muito vagamente... Outra pessoa com quem eu...

(2) Tu é do PT? Não...

(1) Eu sou.

(2) Ah.

(1) Outra pessoa com quem eu conversei assim, eventualmente, depois me arrependi muito de não manter mais contato, foi o _____.

(2) O _____.

(1) Encontrava, eventualmente...

(2) O _____ morreu, tu sabe, né?

(1) Eu soube. Pois, é. Exatamente. E, na verdade, como eu estava muito concentrado na década de 30...

(2) Quem te mandou aqui foi o Marco Aurélio?

(1) Não, mas, olha, o Marco Aurélio é meu professor lá, em Campinas.

(2) O Marco Aurélio mandou aquele outro menino...

(1) O João Marcelo.

(2) É, o Marco Aurélio que mandou.

(1) Isso. O Marcelo que me indicou pra falar contigo.

(2) O Marco Aurélio militou aqui, foi vereador nosso.

(1) Isso... eu sei... Em que período o Marco Aurélio foi vereador?

(2) O Marco Aurélio foi vereador em mil novecentos e... Depois do golpe militar.

(1) Depois do golpe...

(2) Mas ele ficou num período muito pequeno. Ele foi pra França, fazer um curso. E assumiu no lugar dele um camarada chamado Lúcio Elmiro do Amaral Vieira. Que foi cumprir o mandato.

(1) Tá... É, o Marco Aurélio, a gente tem muito contato, assim, mas... Perdi um pouco o fio da meada, agora...

(2) O PT, já que tu é do PT, o PT, mais ou menos, ele herdou de nós... Eu sempre gozo com o pessoal do PT assim. Vocês herdaram de nós as qualidades e os defeitos. Só que vocês aprofundaram nos defeitos e abandonaram as qualidades! Que, tem uns troços no PT que lembra muito a gente! Aqui, por exemplo, no estado, agora, recentemente, houve uma eleição aqui e venceu o Olívio. Na nossa opinião, dadas as peculiaridades do Rio Grande do Sul, principalmente que é um estado politizado mas não progressista, é bom que se diga. É politizado no sentido que se faz política, política, politiquero, mesmo, no sentido pejorativo, é um partido que sempre teve 2 metades. Uma porção de um lado, outra porção do outro. Praticamente o estado todo envolvido em processo político, mas é um estado que não tem uma definição progressista. Não tem uma definição, ainda. Essa eleição que o Olívio ganhou, isso se deve a uma parte do estado que efetivamente é progressista, que quer uma mudança, e os fazendeiros que queriam votar contra o Brito. E tiveram como decisão votar no Olívio, tanto é que a representação parlamentar da região de Fronteira e Campanha, que é onde predomina o latifúndio, ela veio intacta pra assembléia. Veio inteirinha! O Olívio ganhou a eleição, mas a representação parlamentar da reação ficou a mesma. Então, a nossa opinião diante dessa situação e sabendo que isso tá acontecendo, nossa opinião é de que o governo do estado fosse mais amplo. Fosse um governo de centro-esquerda, ou mais ainda, eu até acho que é mais. Devia ser um governo, até, de coalizão. Porquê? Pra enfrentar esse problema que é um problema muito sério! Porque o problema do Rio Grande do Sul

é um dos problemas mais sérios do país em matéria de contradição política, hoje. É uma guerra de 24 horas por dia, não sei se tu tem acompanhado!

(1) Tenho.

(2) O PMDB, onde está o centro da reação contra o governo Olívio, é o mais agressivo de todos eles. Então... Mas, não! O PT se definiu com uma política de esquerda. Então, tu tem na cabeça o Olívio, que é um cara que tem uma posição equilibrada, boa, e tem o _____, que é mais a esquerda. O _____, o Flávio Cuts... O Flávio Cuts foi do secretariado estadual do PCB. Que tem uma política muito esquertizante. Então, uma política que tem na cabeça um cabo bem radical como é o Olívio, radical no sentido positivo. Radical no sentido de que quer mudar. E tem um outro que é radical, no sentido positivo, mas também é radical na ação, aí as coisas fecham, vão fechando. E as dificuldades são maiores. E a sociedade ainda não está em condições de perceber, de entender isso. Mas, então, a gente... Eu gozo com eles nesse troço assim. Mas eu acho que o PT é um partido... À nós preocupa o futuro do governo do estado. Eu tenho formulado essa questão. Nós não somos indiferentes ao governo Olívio. O governo do Olívio se for mal sucedido, é uma merda pra esquerda. Vai dar a idéia de que...

(1) É. É uma oportunidade histórica _____.

(2) Uma oportunidade histórica pra provar que os comunistas, que a esquerda, tem condição de governar ainda em regime capitalista. É uma coisa. Na Itália os comunistas provaram isso. Tem cidades que há mais de 20, 30 anos, como eles estão no governo, e não saem! Significa que estão fazendo um governo troncho. E não é um governo de compadre, é um governo...

(1) É, é... Agora eu lembrei o que eu ia perguntar. É em relação ao Aiala. Quer dizer, o Aiala já começa a aparecer na militância, segundo eu ouvi falar uma vez, em 43, 44, foi quando ele começou...

(2) O Aiala... O Aiala... Do ponto de vista político, historicamente ele pertencia ao Partido Socialista. Ele pertencia ao Partido Socialista, era muito... Eu, que conheci ele nessa época, ele era militante sindical, vinculado ao Partido Socialista. Mas aqui há um fenômeno. O pessoal do Partido Socialista era muito ligado a nós. Inclusive, uma direção... O Partido Socialista, do ponto de vista de composição diretiva, tinha dois tipos de pessoas: os caras que tinham posição socialista do ponto de vista de legenda, deles , que era Bruno Mendonça Lima e outros aí, e tinha os outros que eram da direção do Partido Socialista, que eram socialistas, mas tinham uma vocação irresistível pra se aliar conosco. Numa aliança não política, mas muito mais ideológica, também.

(1) Certo...

(2) Eu, por exemplo, o presidente do Partido Socialista que era o Germano Bonot, pai desse deputado que tem aí agora, ele era dirigente do Partido Socialista, eu ele e o Aiala, ficamos horas e horas conversando dentro do meu carro, com eles, na frente da casa do Aiala, um dia que a gente saía da reunião e ia levar o Aiala em casa e o Bonot pegava carona. Nós ficávamos, às vezes, até uma e meia, duas horas da madrugada conversando sobre política. Eu, do Partido Comunista, clandestino, e os dois do Partido Socialista, legais. E isso revela o seguinte... Tinha uma forte vocação pra uma aliança ideológica com a gente. E ele era um cara com que a gente conversava com a maior intimidade. E dentro desse processo, o Bonot morreu, o ... O Aiala terminou, no golpe militar, vindo pra nós.

(1) E o Josué Guimarães era do Partido Socialista, também?

(2) O Josué Guimarães, não. O José Guimarães era um cara muito... Muito decente, muito honrado, o José Guimarães era um camarada jornalista, que fazia uma sessão no Diário de Notícias, chamado Dom Chicote. Era um cara, inclusive, com uma postura reacionária. Mas nessas loucuras que a gente faz na política, aí, nós terminamos, em um determinado momento, mandando o Josué Guimarães numa

delegação, pra União Soviética. Até então União Soviética. Mandamos por uma delegação. O Josué foi como quem vai para o matadouro. Como boi que vai para o matadouro. Mas, foi, assim, fascinado pelo... Ele era um cara muito moço, fascinado, eu presumo, fascinado pela idéia de viajar, conhecer o outro lado do troço e tal... Ele era vereador pelo PTB, e foi. Quando o Josué voltou, ele voltou totalmente modificado, modificado. Ele disse, eu me lembro de um discurso que ele fez, ele disse assim: “Eu estava numa creche...”, ele disse assim: “Eu estava numa creche, e vi as crianças, lá, as pessoas atendendo e tal, aquela coisa toda, e eu comecei a me preocupar com o futuro dos meus filhos em Porto Alegre. Onde eles têm condição de não precisar ir pra creche tipo coletiva, assim, mas que não têm futuro, mesmo tendo pai e mãe vivos! Porque o regime e tal...” .Ele voltou todo modificado! E aí, ele se amigou com a gente. Ficou muito vinculado à gente. Ele, na... Ficou... Olha, ele fazia... Eu tenho _____... Estou escrevendo um outro... Eu escrevi um livro, agora estou escrevendo outro.

(1) Ah, eu vi. _____.

(2) Então, eu vou contar essa história do Josué, pra tu ter uma... Governador Sampaio. João Pereira Sampaio. Foi candidato a governador nosso pela legenda do Partido Socialista. Mas, o Getúlio morreu, se matou. Como eu te disse, houve uma virada de 180 graus na política dos comunistas. Essa virada de 1809 graus determinava que nós aqui no Rio Grande do Sul, tivéssemos uma postura diferente em relação ao governador, o candidato a governador que era o Alberto Pascoaline. Os candidatos eram: Alberto Pascoaline e o João Pereira Sampaio e outros que eu não me lembro quem eram. Mas, fundamentalmente, esses dois, que eram candidatos a governador na área social. Então, o Partido raciocinou assim: bom, se houve essa virada de 180 graus, traduzida em manifesto público, à Nação, e nós recebemos aqui o manifesto, não tem outro caminho se não mudar o desembargador Sampaio. Temos que retirar a candidatura do desembargador

Sampaio. Pra discutir com o desembargador Sampaio... O desembargador no dia em que foi convidado, ele disse que... Essa era outra figura, também do Partido Socialista, mas muito mais ideológica, com muito mais intimidade conosco do que com o próprio Partido Socialista. E ele disse: “Olha, tudo bem. O Partido quer que eu seja... O dia que resolverem modificar...” . Porque ele já estava com a visão de que podia haver mudança. Ele tinha uma visão muito ampla. Então, na... o ... O desembargador João Pereira Sampaio pra governador, e quando veio esse documento, nós resolvemos mudar e tivemos que conversar com o pessoal da frente popular, que era integrada por um colegiado de 7 pessoas. _____ Norberto, o próprio Josué, Júlio Teixeira e tal... E tínhamos que ganhar essas pessoas, pra até a gente mudar! Porque estava todo mundo a mil em relação ao desembargador Sampaio! Todo mundo num entusiasmo enorme! E o Josué foi o ponto de apoio nosso. O Josué, muito vinculado a nós, não era caracterizado como comunista. Então, o Josué foi o nosso ponto de apoio pra convencer os demais dirigentes da Frente Popular, no sentido que houvesse uma modificação de posição e a Frente Popular passasse a apoiar o Pascoaline. Que foi o que aconteceu. Pra tu ter uma idéia, estou te contando o episódio pra tu ter uma idéia do tipo de vinculação que os camaradas do Partido Socialista e algumas pessoas em especial, tinham conosco: uma relação de bastante intimidade.

(1) É, eu vi, nesse material, documentação da DOPS, lá, que eu encontrei no Rio de Janeiro, alguns relatórios sobre o Rio Grande do Sul. Nesse período, já, um pouco antes do suicídio do Getúlio, mesmo, algumas campanhas mais amplas, aí, populares, por exemplo campanha contra a _____, campanha contra o envio de soldados pra guerra da Coréia, pela praça...

(2) É... Aí já era contra o envio.

(1) Exato.

(2) Eu uma vez, fui preso, ajudei _____, e fui preso e o carcereiro: “Eu não entendo vocês! Na guerra de 45 fizeram campanha pra mandar soldado. Agora, faz campanha pra não ir?” Aí, a Julieta disse assim: “ O Sr. não entendeu nada!”

(1) São duas guerras totalmente diferentes, né?

(2) É.

(1) Pois, é. Nessas, dava pra perceber que, quer dizer, que tinha o pessoal do Partido Comunista e tinha os do Partido Socialista e tinha um ou outro trabalhista, que participava, por exemplo, o ...

(2) _____ Pereira.

(1) _____ Pereira. Era um que... E que acaba, às vezes, na visão da polícia...

(2) O _____ Pereira, _____, que era do Partido Libertador, _____ com todo mundo!

(1) Exato. O _____ até parte desses relatórios da polícia, chega até a levantar suspeita que ele tivesse uma vinculação maior com os comunistas, né?

(2) É, é, é. A reação era muito débil mental, debilóide. Então, atribuía à essas pessoas coisas que eles não faziam! E eles avaliavam de acordo com o grau de realismo. O Temperônio Pereira era presidente da Bomba. Bomba era a campanha da paz. “ Ah, você é da Bomba!” Eu falo que é bomba atômica. Então, o Temperônio Pereira chegou a ser presidente. O Temperônio Pereira chegou a receber prêmio internacional como partidário da paz, como dirigente partidário da paz. Então havia isso, né? E era do Partido Trabalhista.

(1) Agora, isso, esta aproximação já... Quer dizer, de uma certa forma, com uma...Essa parte, digamos assim, mais progressistas, o trabalho de frente já começou antes mesmo do suicídio do Getúlio, né? Tinha uma certa contradição entre...

(2) Ah, não... Tinha, tinha... Tinham pessoas... Isso é bem característico do Rio de Janeiro. Por exemplo: no Rio de Janeiro _____... Tinha o PTB de categoria, e o PTB de Madureira. O PTB de Madureira era dos bicheiros. E o PTB de categoria era o Rolam Corbesiam, era o deputado Paulo Alberto, que hoje noto, não é se não o esse... Artur da Távola, Sérgio Magalhães... Eram pessoas, assim, líderes do trabalhismo, mas que tinham um outro tipo de concepção mais arejada, não era o Brizola. Brizola é muito pelo coração! O Getúlio... Eles tinham uma concepção científica do processo. E aqui no Rio Grande do Sul, nós não tínhamos com essa categorização, mas tínhamos algumas pessoas que eram mais ligadas à gente. Muito mais... Ligadas pela confiança política, também. Têm alguns, no caso do Partido Socialista, uma afinidade ideológica. Têm outros, que a afinidade é só política, como eram alguns casos do Partido Socialista, que trabalhavam com a gente... Eram muito... E do Partido Socialista... O Manoel _____, por exemplo, o Zuza Aranha, irmão do Oswaldo Aranha que era da UDN, que eram gente com que... Eram pessoas que, mesmo sendo vinculadas a ... Havia uma concepção mais arejada de fazer política, também, que hoje já tem até, paradoxalmente, passado esse tempo todo, até nem existe. Mas, naquela época, existia uma concepção mais arejada com o Aranha, o Zuza, com a gente, Manoel _____, todas pessoas nas quais a gente tinha uma certa influência. Claro, que com limite. Não eram loucos de fazer tudo que a gente mandasse.

(1) O Temperônio era mais dessa linha mais ideológica, mesmo, do trabalhismo, né? Não tinha uma visão nacionalista, mais _____....

(2) É, é. Que o Pascoaline... São muito poucos os que tinham uma postura doutrinária como a do Pascoaline. O Pascoaline entendeu o processo. Não sendo comunista e até mesmo, não sendo socialista, entendeu que tinha que ter um processo no qual os trabalhadores tivessem uma situação melhor. E ele formulou uma política. Um trabalho. Tem trabalho sobre ele.

(1) Agora, com o Brizola, a relação de vocês nunca foi...

(2) Com o Brizola, nossa relação com o Brizola sempre foi de conflito. Por exemplo: quando o Brizola em 58 foi candidato a deputado, a governador, nós fazendo uma avaliação do quadro, 58, Getúlio já tinha se matado... Nós tínhamos em relação ao trabalhismo uma outra concepção, e quando chegou em 58 e o Brizola foi candidato, o Partido reuniu e decidiu apoiar o Brizola. Tornamos pública essa decisão, tentamos conversar com ele e não foi possível...

FIM DO PRIMEIRO LADO DA GRAVAÇÃO

(2) ... a revelia dele e que em hipótese alguma ele tinha qualquer tipo de relacionamento conosco... Ele repudiou! Nós respondemos o seguinte, está no meu livro, também. Estou fazendo propaganda do livro, também. Tá no livro. Nós repudiamos... Nós colocamos o seguinte: na nossa avaliação como pessoa, talvez o Brizola fosse o pior. Mas, do ponto de vista conjuntural, tendo em vista o que ele tinha na retaguarda, esquema de forças no qual ele estava inserido, para os interesses do povo gaúcho, era melhor que ele fosse o candidato. Nesse sentido, independentemente da vontade dele, nós aconselhávamos o povo a votar nele. Quando ele ganhou a eleição, o Prestes passou um telegrama pra ele, felicitando-o. Ele mandou um estafeta com o telegrama na mão, devolver nos Correios. Para caracterizar bem uma postura reacionária _____ pública. E ficou nisso. Depois, os tempos mudaram e tal, pá, pá, pá... Ele foi governador e durante o governo dele nós provamos que nós estávamos com a razão, não nos arrependíamos de ter votado nele, pois ele fez um governo, que no meu entendimento, é um marco na trajetória dos governantes do Rio Grande do Sul. Pode ser que daqui pra diante, o Olívio passe a ser outro marco. Eu espero até que seja. Mas o Brizola mudou! Eu assistí uma entrevista com ele, até participei dessa entrevista, da TVE, ele disse o seguinte: que não foi tanto por consciência! Ele disse, não foi tanto por posicionamento político que ele fez aquilo de encampar energia e... Foi por... O processo conscientizou ele!

De que ele estava com um inimigo dentro de casa. Então, mudou a nossa relação com ele durante todo o governo, embora nunca ele tivesse consentido em conversar conosco como partido. Nunca! Durante todo o governo! Conversava conosco via movimento sindical.

(1) Interessante, isso! Quer dizer que, na verdade, em geral, se associa muito... Posteriormente, se criou uma imagem de Brizola e Jango muito semelhantes, mas pelo que o Sr. falou, a relação de vocês com o Jango era totalmente, exatamente o oposto que com o Brizola. Quer dizer, era uma relação de proximidade, confiança...

(2) O Jango... O Jango tinha, o Jango conosco, tinha uma relação de intimidade. Uma vez eu vi um troço no Jango, é o seguinte: nós mandamos uma delegação para o Rio de Janeiro. Só com dinheiro de ida. Entendeu? Não tinha dinheiro pra voltar, a delegação! Eles foram daqui. Foram pra uma aventura. E a delegação estava no Rio, na medida, quando nós vimos que estavam no aeroporto, tratamos de arrumar o dinheiro pra buscar a volta. E batemos no Jango. E, 3 pessoas, fui eu, um camarada chamado Aparizio Viana e Silva, já morreu, fomos no Jango. Chegamos, e: “Olha...”, contamos a história. Ele disse: “ Não, não tem problema. Eu vou... dou um bilhete pra você, dou bilhete para o Loyd aéreo. O Loyd aéreo garantia a passagem dos caras que foram. Eram 18 pessoas. Garantia a volta. E tinha um cara, um bancário, que era muito amigo dele, chamado... Não me lembro agora, depois te digo. Esse cara chegou e disse assim: “O Jango, eu não sei porque tu dá dinheiro pra esses comunistas!” Sabe, meio gozador, assim... Aí, o Jango disse assim: “Olha, eu não dou dinheiro por ser comunista, nem estou comprando entrada na história, nem estou comprando entrada no céu. É que o futuro da humanidade está na mão deles...!” . Ele tinha essa visão! Ele não era mais do que isso por 2 razões: primeiro, a personalidade, a condição dele como pessoa, não era nesse sentido. Era um homem conciliador, e tal. E segundo, que ele fazia parte de um esquema de forças que estava incluído, também, o latifúndio. Então, ele não podia ter outro... Precisava ter

muita coragem política e muito atolado ideologicamente pra tomar uma posição revolucionária. Mas, tudo o que se acertou com o Jango, ele cumpriu! Essa que é a verdade. Já com o Brizola, quando estava no Uruguai, aí, ele passou a ter um entendimento direto com a gente, mas tudo que ele marcava com a gente não tinha correspondência prática aqui. Com o PTB. O PTB não cumpria. Um dia, nós mandamos um camarada chamado José Bonifácio Flores da Cunha, que era filho do Flores da Cunha, que era militante socialista, mas era nosso companheiro. E o Brizola tinha ele como militante do Partido Socialista. Então, nós fomos lá, o Jeca foi lá, conversou com o Brizola, e o Brizola disse assim: “Olha, eu estou lá, o Partido Socialista está à deriva, e tal, e os comunistas estão me procurando muito. E aí, o Brizola disse assim: “Olha, os comunistas são fósforos queimados. Por causa deles saiu o golpe militar. Não queremos nada com eles. Aí, nós percebemos que aquelas idas lá, conversar com ele, era papo furado, era bobagem. Que não tinha porque a gente estar continuando ir lá conversar. E aí cessaram as... Mas aconteceu isso. Hoje... Hoje, ele chegou a ter... Hoje, já de uma posição mais ampla, ele chegou a ter, no tempo em que o Roberto Freire ainda era presidente do Partido Comunista e como tal conversou com o Brizola, passou um dia no apartamento do Brizola no Rio... Aí, ele começou a conversar com todo mundo! Que não, não sei se é por caduquice ou por esclarecimento!

(1) É. Ele dá umas guinadas que são muito difíceis de...

(2) Então, é um troço difícil de entender.

(1) Tem momentos que até parece que ele tá fazendo as coisas com mais...

(2) É, é, é! O Brizola é isso que tá aí! Ele sempre foi assim. Só não foi...

(1) É, agora essa coisa dos governos dele, eu tenho impressão, pelo que eu tenho pesquisado aí, na prefeitura, no governo, acho que realmente, essa coisa do processo político... Porque ele, por bem ou por mal, ele acabou capitalizando uma boa parte do _____. Por exemplo, o operariado urbano que vinha crescendo

nesse período, uma boa parte virou, ativamente, brizolista. E via nele, talvez muito mais do que ele mesmo pretendesse fazer. Mas, de certa forma ele ficou...

(2) É. É. É. Ele teve prestígio.

(1) Ele se tornou uma expressão de um movimento de mudança que talvez fosse maior do que aquilo que ele...

(2) É. É. É, ele é um cara que tem expressão popular, agora, é uma pessoa hoje, eu vou te dizer, vou ser até bem franco: ele até... Não sei nem se é uma heresia o que eu vou dizer... Ele até certo ponto é inconveniente. Porque, com o prestígio que ele tem, que está reconhecendo, o camarada colocar renúncia do Figueiredo, do Figueiredo, do...

(1) Do Fernando Henrique?

(2) Além do Sarney, do Fernando Henrique. Nós estamos a exato quadro! E com o negócio do Fernando Henrique, ele está querendo a renúncia. Fernando Henrique não vai renunciar nunca! O cara quase vendeu a mãe pra ser candidato pela reeleição! Vai renunciar? Vai ter brio pra renunciar? Ele não reconhece que está errado! Ele está amigado com o Antônio Carlos Magalhães e está achando muito correto! É o telefone que está tocando?

(1) Pode ser...

(2) Alô?

Bom, com o governo Figueiredo ele teve a mesma coisa! Ele chegou, ficou... Além de prorrogar o mandato do Figueiredo!.. No negócio do Collor, em nome dos interesses do Rio de Janeiro, que ele tinha que fazer a Linha Vermelha e etc. e tal, ele fez concessões tais, ao ponto de dizer que aquela questão que estavam levantando no Congresso Nacional era um troço golpista! A renúncia, o negócio do... levava ao golpismo! Então, até certo ponto ele é inconveniente por isso: porque tem posições contraditórias e tem uma baita penetração popular ainda! E isso não é bom pra... Isso não esclarece, não dá, não dá...

(1) Tá. Deixa eu perguntar uma coisa: um militante aqui do PC, chamado Ufir Pinheiro, o Sr. conhece ele?

(2) Ufir Pinheiro, irmão do Ibsen Pinheiro.

(1) Ah...! É irmão do Ibsen...

(2) Já morreu. Trabalhou com o Ufir?

(1) Não. Eu encontrei documentação, nessa da DOPS, sobre a militância dele. Inclusive, um que me pareceu muito estranho, porque eu não sei se era um interrogatório ou coisa assim, mas ele fazia uma radiografia da organização do Partido com informações que pareciam até bastante sigilosas.

(2) Quem que fazia, quem que fazia?

(1) Isso é uma declaração que ele prestou à DOPS.

(2) Quem? O Ufir?

(1) O Ufir. É.

(2) Aonde? Aqui?

(1) Aqui. E eles mandaram cópia para o Rio.

(2) Sim. Ele fazia o quê? Dava um perfil...

(1) É. Dava um perfil. Dizia quem era, quem dirigia, onde que as pessoas se hospedavam, quem dava dinheiro, etc., etc...

(2) Ah! Uma delação!

(1) Aparentemente, sim. Isso é uma coisa que... E ele dizia que tinha sido afastado ou queimado do Partido, alguma coisa assim.

(2) Foi.

(1) Por isso mesmo que aumentava mais essa sensação de delação porque ele mostrava o descontentamento dele pelo Partido e ao mesmo tempo entregava uma, uma...

(2) Sim, foi. É, ele foi, foi... É. O Ufir, até... O Ufir é irmão do Ibsen Pinheiro, e foi até um gesto ruim do Partido. A expulsão. Ruim. Aqui, num dia só, no tempo que estava

aqui, no Rio Grande do Sul, dirigindo o Partido, um camarada chamado José Maria Crespim, que foi deputado federal por São Paulo ou por Santos, e o Crespim esteve aqui, o Crespim era maluco! Num dia foram demitidos 20 caras! Um deles era... Como é, como é... A razão da demissão, da expulsão... Um deles é o Lúcio _____, que foi vereador, posteriormente foi vereador nosso, assim... É... “Ladrão e pervertido sexual”. Esse cara... Era o seguinte... Esse cara era um cara separado da mulher, moço, dava as trepadas dele, comia gente lá e tal, apesar de, naquela época ser pecado isso no Partido. Bom, mas o Lúcio também não era muito... Era discreto. E um dia, um dirigente do Partido, aí, porque o _____... Um dirigente do Partido precisava morar numa casa que ia ser feita no quintal de uma casa. Naquele tempo, a gente tomava conta da vida de todo mundo, casava, descasava, ia morar aqui, morar ali... Os caras, Os caras eram literalmente subordinados ao Partido. Então, o Lúcio, o comitê municipal de Porto Alegre, decidiu que o Lúcio, era dentro do comitê, decidiu, tesoureiro, decidiu que tinha que ser feita uma casinha para um cara morar, um militante morar. A família. Com a mulher e o filho. E o Lúcio ficou de arrumar o dinheiro para acontecer isso, como tesoureiro do Partido. E o Lúcio arrumou o dinheiro, compraram madeira, compraram tábuas, botaram tudo no quintal. Os donos da casa não deram bola para o troço, a madeira apodreceu e não fizeram casa nenhuma. Quando o Lúcio foi expulso, isso foi debitado a ele como roubo, de lapidação do dinheiro do Partido, e o fato dele ser um cara namorador e tal... O Lúcio depois, casou com uma companheira, uma poetisa, e essa poetisa, quando o Partido soube que estava namorando a Inês, essa moça, o Pedro Pomar era dirigente aqui, aí foi aquele Deus do céu! A Inês, militante do Partido, namorando um cara expulso. O Lúcio estava expulso. Aí... Apesar de expulso, ele sempre gravitou em torno do Partido, ele não aceitou a expulsão. Era uma anomalia tão grande que ele não aceitou. E... Nós fomos discutir com a Inês pra desmanchar o casamento! Eles casaram na mesma hora, casaram em seguida. Pra evitar que

cumprissem a tarefa de não casar. Então... Agora tu vê como eram as coisas naquele tempo e como é que era o radicalismo do Partido. E dentro disso, o Ufir foi expulso, também por isso. O Ufir... Um deslize do Ufir, que não podia em hipótese alguma implicar em... Em...

(1) Expulsão?

(2) Expulsão. Ele foi... O Partido mandou ele fazer autocrítica, mando fazer autocrítica no interior do estado, na cidade do Rio Grande... Naquele tempo, autocrítica à rigor, era castigo. Então mandou ele fazer autocrítica lá, ele foi pra lá, e chegando lá ele meio que não aceitou, veio de volta pra cá e o Partido terminou expulsando o Ufir.

(1) Eu vou ligar aqui uma coisa... Eu tenho aqui na memória do Laptop esse negócio aqui...

(2) Como é?

(1) Eu tenho aqui na memória do computador essas anotações, esse documento do Ufir... Deixa só eu ver se eu localizo, aqui. Ah... Deixa eu ver...

(2) Pra ver se coincide com a data da expulsão?

(1) É... É depois de 54.

(2) Depois de 54... É, ele estava expulso, é. Já não era...

(1) É. É. Depois de 54. Aí, diz assim: que “a partir de 47 até 48 militou na Cidade Baixa; daí foi ligado a produção _____ de leite; em 49 passou a ser funcionário da Tribuna Gaúcha, da qual foi diretor por 2 anos; 52 passou para o comitê estadual; fez viagens para o exterior; em 53 foi da comissão de propaganda do comitê estadual; em 54 foi para Rio Grande pra fundar _____...” Aí, ele descreve toda a direção do Partido no estado. Quem é o quê...

(2) Em 54 que ele foi para o Rio Grande, ele fala?

(1) Diz aqui. É. E aí fala da Tribuna, quem são os redatores; quem _____ as oficinas; fala de outros jornais do Partido; ele diz A Voz do Povo de Caxias, A Voz do

Povo do Rio Grande, Unidade, Livramento, Lampião, _____, Minas, Voz Ferroviária, que é irregular... Aí diz que realizou um curso de 12 dias pra quadro intermediário, com programa, estatuto, organização, discurso de Stalin... _____... Parece que o IX Congresso do Partido da União Soviética, pra aulas práticas de táticas de auto defesa das massas, construção de como conseguir análises ofensivas, utilização das armas, como conseguí-las e como utilizá-las, vigilância revolucionária, comportamento durante a presença de militantes e outros. Curso de 21 dias de economia política, base do programa do partido, o que que é o programa, fundamento da linha política do partido, como estudar, porque estudar o Marxismo e outros tópicos. Os professores eram José Gonçalves Tomás, Maria de tal, carioca; José, de aspecto judeu; Carlos ou Ari...

(2) José, José... Era o Sabino. Era o Gorender, Jacó Gorender.

(1) Ah! Era o Jacó? Aspecto de judeu! Realmente... Que os membros do comitê central de Porto Alegre...

(2) Da Comissão Nacional de Educação.

(1) ... se hospedam nas casas de Vila Ripol, o Júlio Teixeira, dá endereços de aparelhos; diz quem está ausente da cidade... Aí diz: "fontes de finanças figuram João Goulart, o Jango; _____ e irmão; dirigentes do PTB; industriais; Victor _____, ex-deputado estadual da UDN...

(2) Victor o quê?

(1) Victor _____.

(2) Victor, Victor...? Se dissesse Victor _____...

(1) Tá. "Victor _____ é o maior contribuinte do Partido, tendo a seu cargo um círculo de amigos...

(2) Aí, tem o Tupisler, também...

(1) ... que encerravam mais de 100 mil mensais. Dr. Temperônio Pereira; Dr. José Antônio Aranha; líderes PTBistas e governistas, respectivamente, e que a comissão

de finanças é Carlos Calajo Teixeira. Dirigente ferroviário da Juventude João Aveline; dirigentes femininas”... Dá o nome de guerra de algumas pessoas. Do Elói, que seria Jacó e do teu primo, Carlos Aveline, que seria Luiz. “ Quadro da Organização de Porto Alegre: comitês distritais no Rio Grande, Centro, Petrópolis, Independência, Monte Serrat, Canoas, cerca de 180 militantes... Organização em Porto Alegre _____, Rener, _____, geral de indústrias, _____; Sindicatos na mão do Partido: Alfaiates, Gráficos, Estivadores e Portuários, _____ aliados com bebidas, fumo e outros. Núcleos fortes em Porto Alegre: Vila Dona Teodora, Sarandiba, Navegantes e São João. Campanhas: defesa do petróleo, riquezas nacionais, _____, _____ operário, _____, refutamento contra o golpe militar e contra o governo Café Filho.” Isso é 55, provavelmente.

(2) É. É 55, é.

(1) Mas é impressionante, né? Aparentemente ele fez uma...

(2) Ele deu o serviço tudo.

(1) Todo, né?

(2) Não se sabe se ele deu isso na condição de preso ou na condição de...

(1) Pois, é. É estranho a ... Eu cheguei a pensar nisso, né? Agora...

(2) Porque... Porque... Na... Não é... Porque naquele tempo, era o seguinte: quando o camarada era expulso do Partido, a polícia ia em cima do cara exatamente pra conseguir arrancar dele coisas que normal ele não arrancaria numa situação de paz com o Partido. O Partido estava em cho..., quando o cara estava em choque com o Partido, talvez fosse, na concepção dele, fosse mais forte. E o cara puto da vida é capaz de ter, ter... Ele dá, esses dados aí que ele dá, é batata! Ele, de fato, eu fui presidente da JC. União da Juventude Comunista.

(1) Em geral é _____.

(2) O relato é esse. O quadro é esse.

(1) Certo... Certo... Pois, é... Agora, em relação, assim, a, por exemplo, a infiltração policial, mesmo? Vocês chegaram a, nesse período, assim, a detectar alguma coisa ou avaliar porque...?

(2) Olha, havia muita paranóia. Vou te explicar: tinha um camarada, aí, por exemplo, que foi... Isso, essa paranóia é internacional. O Béria, por exemplo, o Béria, já ouviu falar no Béria?

(1) Sim, sim.

(2) O Béria, quando foi expulso, desmascarado e tal, eles atribuíam ao Béria a condição de agente do czarismo, da polícia, enfim... Infiltrado desde 1912! Era um horror, isso! E, aqui, quando acontecia de um cara ter uma posição, assim, meio esquisita e tal, o cara botava como, como... Infiltrava agente policial, agente policial e tal... E havia, nesse particular, havia até alguma injustiça.

(1) Sim, sim, sim...

(2) Entendeu?

(1) Quer dizer, isso é que eu acho que... Difícil essa situação da clandestinidade, né? Porque de uma lado não dá pra descartar que realmente aconteça, né?

(2) É, é.

(1) Porque, aparentemente, a gente hoje, que pega os documentos... Por exemplo: eu encontrei, da época do Estado Novo, um relatório de uma reunião em que foram ... iam 3 militantes daqui se reunir clandestinamente com gente de São Paulo, durante o Estado Novo. Um deles era o Isac _____.

(2) Sim.

(1) Que usava um pseudônimo que eu não me lembro exatamente agora qual é. Mas um pseudônimo português, assim... Um nome de guerra português. Mas era o Isac. O outro era uma pessoa conhecida, também. E o terceiro era um agente. Era um agente X, que fazia o relatório. Tratavam ele como agente X. Quer dizer, eu não...

O Isac também faleceu e eu não tive oportunidade de conversar com ele sobre isso, mas é uma coisa que, certamente ele saberia quem era o terceiro, porque... Mas a gente não conseguiu... Então, às vezes eu acho que fica muito difícil de saber isso.

(2) É... Porque era fácil de ver. O cara que chegar no nosso meio muito resoluto, querendo fazer tudo, etc. e tal... Propondo isso, propondo aquilo... A gente às vezes, ficava preocupado! Ou o cara é maluco, ou esse cara é agente policial... O cara é novo! Com quem a gente ainda não conhecia. Não conhecia o cara, o cara entrava no Partido... Tinha caras que entravam no Partido e logo em seguida saíam porque a barra era muito pesada pra militar naquela época. Mas tem outros... Tinha um camarada que ele entrou, foi militar, e esse cara fazia horrores! Ia pichar durante o dia, fazia o diabo! Nós fomos descobrir, o cara guarda civil. Era guarda e... Desses guardas! Antigamente tinha guarda civil aqui em Porto Alegre. Essa guarda civil, que _____, é parecida com essa polícia americana: azul, cheio de troço dourado... O cara era agente infiltrado. E um cara de um baixíssimo nível. Tinha outros que...

(1) Esse é fácil de perceber, né?

(2) É! Tinha outros que era de nível melhor, talvez a gente não percebesse. Mas o ... Era tão pequeno o nosso, o nosso... A nossa comunidade comunista que era tudo conhecido. Muito difícil tu... Era um partido de quadros, partido que tinha, teoricamente tinha preocupação com massa e tal, mas fundamentalmente, fazia toda uma política no sentido de criar um partido de quadros. Quadro feito, etc. e tal. Então a gente se conhecia... Eu conhecia, por exemplo, todo o estado eu conhecia! Tudo! Eu sei porque eu, como presidente da Juventude, da UJC... A UJC era um partidinho paralelo. Não tinha nada a ver com a concepção de partido juvenil, de uma ala juvenil no Partido. Era, teoricamente, jovens que queriam ser comunistas. Então, entravam como simpatizantes. Mas o nome já era UJC. O PC do B agora tem o termo: União da Juventude Socialista. Que é mais normal. O nosso,

não. Era UJC. Era de pessoas que queriam ser comunistas. Mas, a rigor, era um partido paralelo, que funcionava... Tinha “Comissão dos Partidários da Paz”, “Comissão Juvenil dos Partidários da Paz”; “Movimento de Emancipação Nacional”, “Movimento Juvenil de Emancipação Nacional”... Então, era tudo mais ou menos, paralelo. E no interior, também. E no interior, dada a pobreza numérica de pessoas, de quadros, o cara que era o representante do Partido, era também, da UJC. Então, passei a conhecer todo mundo! Rio Grande, Pelotas, Santa Maria... E tinham decepções, também. Falei em Santa Maria, me lembrei. Tinha Santa Maria, tinha um cara, que era de um radicalismo doentio. Chamava-se Agemir. Ferroviário. Santa Maria é uma cidade muito importante do ponto de vista estratégico. Era uma comunidade ferroviária, que era o puxador de movimento, e cidade universitária. Não é por acaso que todos os movimentos... O PC do B é forte lá até hoje! Então, o que que acontecia? Esse cara era uma fortaleza em matéria de _____. Radical pra chuchu! Uma vez fomos uma delegação no Rio de Janeiro, hospedaram ele num hotel, e ele se negava! “Não quero parar num hotel da burguesia, me conspurcar...”, e não sei o quê, pá pá, pá. E, quando do golpe militar de 64, ele vivia nas igrejas, rezando. Pra mostrar sua condição de católico fez uma denúncia contra o Partido, se manifestou, fez um... Se desligou publicamente do Partido, e etc.... Coisas assim, desse tipo.

(1) É... Uma história que é mais complicada, também tem mais desdobramentos, é a do Jover Teles, né? Que, nessa época, era... Ele era expressivo, acho...

(2) O Jover Teles.. A história do Jover Teles... O PC do B atribui ao episódio da Lapa a delação do Jover Teles. Atribui à isso. Eu, até bem pouco tempo, eu tinha em relação ao Jover Teles... O Jover Teles assumiu o seguinte: O Jover Teles assumiu outro nome, não existe mais Jover Teles. Ele assumiu um outro nome dentro daquele período. Muitos militantes clandestinos se registravam com outro nome, de uma pessoas que já tinha morrido há muito tempo e cujo nascimento

correspondia ao nascimento dele, o cara tirava... A coisa mais fácil pra tirar documento em cartório naquela época era assim. Daquela certidão, ele partia pra tudo. No Jover Teles, assumiu tudo. Nome, tudo. Nome dos filhos, sobrenome dos filhos, tudo ele mudou. E, houve uma dissensão, aí ele foi para o PC do B, em 62 e, nesse episódio, agora, da Lapa, onde morreu o Palmar, morreu Rabois, morreu um cara lá do _____, por sinal. Apesar de eu ter discordado, era um cara de categoria, do ponto de vista ideológico, assim. Estava equivocado, mas era um cara. Então ele atribuiu o fato de que, ele tem evidências, segundo eles, eu li um livro sobre isso, tenho até aqui, de que efetivamente, o Jover Teles entregou o negócio e os caras foram lá. Eu tinha as minhas dúvidas porque eu estava, eu tinha medo da paranóia do PC do B que herdou tudo de nós, tudo. Ele estratificou tudo o que não prestava, conservou até hoje. Ele é stalinista até hoje! É stalinista! Confesso! Não é... Não é assim, um troço, dizendo: "É acusação, sacana!". Eu imaginava isso. Mas, quando eu vi o Jover Teles ser candidato a vereador pela ARENA, pelo PTB, em São Jerônimo, e dar entrevista, aí eu disse: " Não... O cara é um filho da puta, mesmo!" _____.

(1) É impressionante! Porque era um _____...

(2) Ah! Um cara de categoria, foi deputado nosso, aqui. Jover Teles foi deputado! Foi deputado nosso na assembleia legislativa, operário mineiro... Tá morando lá nas Minas, né?

(1) É, voltou pra lá.

(2) No mesmo lugar.

(1) Deixa eu te passar...

(2) Tu tá bem por dentro do... Da história nossa.

(1) É, já faz um certo tempo que eu estou pesquisando...

(2) O que que é?

(1) É o seguinte: tem umas fotos aqui, tem que deixar aqui e daqui 1 minuto ele começa a passar. Queria ver se o Sr. poderia, eventualmente, me ajudar a identificar alguém. São fotos que...

(2) Isso lembra até a polícia! Parece até quando eu estava preso! Que eles me davam fotos pra mim lembrar...

(1) [risos] Não...! Essas são o seguinte...

(2) Não, essas aí não...

(1) Não, eu estive lá no Sindicato dos Metalúrgicos e eles têm muita, muita, muita foto assim, jogada num canto. A gente tá tentando ver se consegue ajudar a preservar um pouco. Então, algumas eu passei para o Skanner e aí...

(2) _____.

(1) É, ele vai levar um minutinho pra começar a passar.

(2) Pra puxar. Pra começar a rodar.

(1) Pra começar a rodar como se fosse um projetor de slides. E tem umas que está o Brizola, lá no Sindicato...

(2) Isso aqui é um Laptop?

(1) É o Laptop. É. Tem... Tem foto que está o ... Muita foto com o Mesquita, de vários momentos, inclusive, e tem...

(2) Tu tá mais informado do que aquele outro companheiro, o Marcelo.

(1) É, é. O Marcelo, ele começou há menos tempo. _____ ele.... Essa documentação policial que eu andei...

(2) Você pegou essa documentação policial na DOPS do Rio?

(1) Peguei. Está no arquivo estadual, lá.

(2) Ah, está no arquivo estadual.

(1) Do estado do Rio. Por isso que deu pra pegar. Não está mais na mão da polícia.

(2) Não está...

(1) Eu devo conseguir algumas cópias de alguns documentos pra ti... Vai começar a passar... Demora um pouquinho, é meio lentozinho...

(2) Ele está vagaroso assim porque está com problema ou é mesmo assim?

(1) Não, ele é meio lento...

(2) É lento?

(1) É lento. Esse... Ele é 133...

(2) O meu é meio lento, também, mas muito menos lento do que...

(1) É que esse negócio de trabalhar com imagem deixa ele mais complicado... Engraçado... Já era pra estar aparecendo... Muito estranho... Engraçado, já era pra estar aparecendo...

(2) Esse é o 'enter'?

(1) É... Isso é o 'mouse'. Isso aqui funciona como se fosse o 'mouse'...

(2) Ah, o 'mouse'...

(1) É. Eu vou arrumar outro jeito, então... Eu acho que eu tenho que fazer uma limpeza na memória dele. Está meio sobrecarregado. Principalmente esse negócio de foto, ocupa muita memória... Aqui.

(2) Agora me deu curiosidade de ver as fotos.

(1) É, só que aqui, o problema é assim. Tem umas aqui do Brizola, por exemplo, que ela não vai aparecer inteira. É muito grande... Naquele outro jeito ela ia aparecer inteira.

(2) Tem até manifestação querenista, aí?

(1) Tem, tem. Lá, olha, tem muita foto boa, lá no Sindicato. Só que a maioria está sem identificação. Algumas eu deduzi, né?

(2) _____ Eles te mostraram assim... apego a ...

(1) Olha, tem alguns diretores que tem um pouco mais de, assim...

(2) Carlos Eduardo, Clair Araújo, Brizola...Esse aqui eu não sei quem é porque está de costas. Esse aqui é o Clair Araújo, foi secretário do trabalho. Cabral Dias Lopes, foi diretor dele na secretaria. E o Brizola.

(1) Certo... E o Brizola bem novo, ainda. É... Eles estão aqui na... Isso aqui é lá no Sindicato, mesmo, aparentemente. Aqui, os únicos que estão de frente. Tem mais um aqui que não dá pra ver direito. Deixa eu abrir outra, aqui. Essa é uma... Essa aqui... Essa outra é mais engraçada porque parece que está havendo um bate-boca...

(2) Lá no Sindicato.

(1) É. Olha, só.

(2) Isso aqui é o Dagmar Severo, Brizola... Dagmar Severo e Brizola. Esses outros eu não conheço. E Gilson Lima! Presidente do Sindicato dos _____.

(1) Ah... Uma coisa engraçada é que o Brizola está meio contrariado, às vezes parece que está...

(2) É...! Não, mas esse cara é o pelego mor. Esse tal de Dagmar. Pelego mor! Pelego, assim, consciente. Até gozava com o próprio peleguismo.

(1) Esses aqui tu não conhece, então...

(2) Esse aqui eu não conheço. Conheço o Brizola, o Gilson Lima e o Dagmar Severo.

(1) Aqui... Isso aqui é do Estado Novo. Isso aqui é fim, assim, do Estado Novo...

(2) Eu quero ver o que que tem do Estado Novo, aí. Manifestação _____.

(1) Essa manifestação é tão engraçada. Porque é uma manifestação espontânea, tem uma faixa grande escrita assim: "Essa é uma manifestação espontânea". É uma coisa... É essa aqui. Essa é uma coisa... Não sei se é uma redação, de quem... Aqui está ruim de ver. Tenho ela impressa, fica um pouco melhor. Uma dessas faixas aqui, eu ampliei depois _____.

(2) Manifestação espontânea com tudo organizado.

(1) É, com tudo organizado. Meio contraditório. Deixa eu ver aqui...

(2) Getúlio.

(1) Getúlio. Ah, é. Essas são... Tem fotos do Getúlio...

(2) É aqui em Porto Alegre, isso?

(1) Isso é aqui em Porto Alegre. E, ao mesmo tempo, tem... Deixa eu ver se é nessa que tem bandeira americana, também... Que eu achei que fosse no fim da Guerra. Não, eu acho que essa é querenismo, também. Eu não estou vendo _____. Tem umas que têm bandeira ... Olha, aqui. Essa é a bandeira americana, tá vendo? Acho que isso é no fim da Guerra.

(2) É.

(1) Essas fotos são boas, na verdade. È que a cópia aqui do _____, não ficou tão boa. Mas o original...

(2) Uma manifestação querenista.

(1) É. Está meio ruim o foco. Ah... Isso é um detalhe que eu acho que ficou muito grande. É, essa ficou _____. Essa aqui está com _____. Ah, não... Essa aqui não vai dar, não. _____
_____. Eu estou com muito programa aberto, por isso que fica lento.

(2) Tu tá na Universidade de Campinas estudando História?

(1) Estou. Estou fazendo Doutorado. Eu até esqueci de trazer hoje... Nós temos uma coletânea de artigos que a gente lançou sobre movimento sindical nesse período...

(2) O melhor livro que tem do movimento sindical é do Jovermam!

(1) Pois, é! Eu li _____

(2) O Jovermam. Um livro bom.

(1) É muito bom. Ele fez uma descrição das condições de trabalho _____ em Minas, né?

(2) É. O Jovermam é um cara qualificado!

(1) Exato.

(2) Agora se transformou num reles político municipal.

(1) _____. Aqui diz: reeleição de Vargas...

(2) Olha! Isso é 50.

(1) Será que é 50? Achei que fosse na...

(2) Se é reeleição de Vargas, só pode ser 49 ou 50.

(1) Ah...

(2) Tá? Porque ele se elegeu em 50!

(1) Eu achei que fosse quando estavam querendo que ele concorresse, ainda, na época do... querenismo.

(2) É, é o movimento querenista.

(1) É, eu achei que fosse. Eu que coloquei, né? Mas eu não sei se era...

(2) Não, mas é, é assim. O movimento querenista era isso.

(1) Hum... Essa aqui é no Estado Novo...

(2) Tu encontrou do Sindicato dos Alfaiates, é?

(1) Não, não. Essas, no Metalúrgicos.

(2) Metalúrgicos, é?

(1) Isso.

(2) Interessante... Eu vou lá sondar _____ (1) Tem o CLaudir, que é secretário geral, é bem interessado, acessível... Essa aqui também está difícil de ver...

Ah! Porque eu ampliei pra ver a faixa, aqui, tá vendo? _____ do Sindicato.

(2) É...

(1) Mas aí a definição já fica ruim. É, tem bastante coisa. _____ o Mesquita. Tem do Mesquita com o Jango. Sindicato...

(2) É a pilha, isso?

(1) Não. Ele tem uma bateria, mas ele dá pra ligar na eletricidade, também. Aqui... O Jango e o Mesquita. Deve ser essa aqui.

(2) É meio lento, mesmo, né?

(1) É, está lento. Acho que eu deixei muita coisa aberta, também.

(2) ãh?

(1) Eu deixei vários programas, eu não fechei... Eu estava trabalhando... Eu estava no TRE hoje, também, levantando dados eleitorais _____. Quer dizer, aí essa...

(2) O Jango e do Mesquita?

(1) É. Engraçada essa, né? Essa é.. Esse papo., aparentemente é lá no... Tem uma do Jango lançando a pedra fundamental da sede dos Metalúrgicos, da sede própria...

(2) É uma boa política, uma boa figura o Jango, viu?

(1) Pois, é. O Jango... Sindicalistas... Essa é uma reunião. É também interessante.

(2) Olha aqui... Aqui está o Mesquita, aqui está um camarada que foi presidente da federação Vargas. Aqui está o Clei, aqui está o Dagmar, aqui está o presidente do Sindicato de São Gabriel, Sindicato da Alimentação... Não me lembro o nome dele agora.

(1) Ele deve ser interessante porque ele está bem informal, assim... Bem à vontade...

(2) É... Ele tinha uma perna dura. Ele sempre sentava assim.

(1) Ah, é?

(2) Tinha uma perna dura, então sentava sempre assim.

(1) Ah... Não sabia. Por isso que ele está nessa posição. Mas está bem descontraído, assim, né?

(2) É. Vê a outra, vê a outra que ele tinha aí. Jango.

(1) Jango... Esse eu acho que era da pedra.

(2) Estou meio na hora da saudade, aqui.

(1) Tem que aproveitar... Tem umas fotos boas, lá. Essa é interessante: ele está abaixando, lançan... É a ... _____ do alicerce, e aqui é a pedra.

(2) Quê latinha é essa?

(1) Eu não sei. Isso é um negócio da... Eu acho que eles estão fazendo o alicerce, eu acho que ele põe alguma coisa...

(2) É... Eu acho que deixa um troço escrito, alí.

(1) Isso. E essa pedra está lá até hoje! Está lá, bem na entrada, assim, do sindicato, lá na João Vale, na João Vale, não, na frente do Vale _____, aonde tem aquela rua. Mas a gente entra, está lá essa pedra, do lado dela tem um padre...

(2) É, deve ser _____.

(1) Estão fazendo aquela cerimônia, né? Tem mais uma, eu acho... É Jango... Aqui tem o Jango discursando, também.

(2) Ele era muito ligado ao movimento operário, o Jango, o movimento sindical, viu? Era muito... Era uma ligação, assim... Deixa eu ver essa...

(1) Aqui tem que ter mais contraste...

(2) Esse parece até o Raul Pontes...

(1) É... [risos]. Está difícil, aqui, de fechar o contraste. É que ela é mais escura, mesmo, essa foto. Fala no microfone, isso é lá também, na sede. Nessa sociedade... As famílias todas, ali.

(2) É, não conheço ninguém, aí.

(1) É. Aí, é difícil, mesmo, o pessoal. Tem mais uma, eu acho... Essa aqui, eu acho.

(2) Aqui... Aqui... Isso eu acho que não é aqui. Não conheço ninguém, aqui.

(1) Essa estava lá, também...

(2) Não, está aqui o Mesquita! O Mesquita...

(1) Ah, é o Mesquita? Está diferente... Eu não tinha reconhecido... É verdade. É ele, mesmo.

(2) _____ o Mesquita.

(1) Pois, é. Eu não sei. Eles fizeram muita coisa nessa época. Fizeram colônia de férias, também, de repente... É uma coisa que...

(2) É! O Mesquita fazia um sindicalismo, como é...? Como é...? Eu acho que se eu disser que é um sindicalismo de resultado, fazia colônia de férias, fazia... Via o lado de lazer e tal e fora do lado político. É a maneira de transformar o sindicato em assistencialista do que um sindicato de luta.

(1) É, pois é. Agora, fazer... é... Tem umas coisas engraçadas, aqui. Esse aqui que eu acho que é... do dia das mães do Sindicato... Tem uma que ele está entregando uma panela de pressão pra uma moça...!

(2) Faziam muito disso. Como é...? É! Um troço, assim, bem sacana. E a CUT, agora, está exagerando! A CUT está... A CUT, não, a Força Sindical é de... Olha a Julieta aí! É desbragada o Mesquita! A Força Sindical está... Isso é o supra sumo da sacanagem! Rifando automóvel pra quem comparecer na festa da _____!

(1) É... É uma coisa... Aqui tem um congresso. Esse, eu acredito que... V Congresso dos Trabalhadores... Esse eu acho que _____. Eu acho que tinha identificação, esse. Vai passando,... O pessoal vai passando. O teu trabalho na Última Hora foi de 50 e...

(2) Eu trabalhei quando nasceu aqui e quando fechou, 64. Trabalhei de 59 a 64.

(1) 59... Isso é o _____

(2) Luiz Vieira...

(1) Ah...! Esse é o Luiz Vieira...

(2) O Luiz Vieira está aqui...

(1) Pois, é. O Luiz Vieira está viajando...

(2) Está viajando. O Luiz Vieira está em Vitória. Aqui é Jorge Alberto Campesato...

(1) Ah...! Esse é o Campesato... Certo... Ótimo.

(2) Esse aqui é o único que eu não me lembro... Me lembro... Eu reconheço ma não me lembro o nome. Esse aqui é...

(1) Esse está meio ruim no corte ali.

(2) Não me lembro quem era...

(1) Ah...! Esse que é o Luiz Vieira, então...

(2) Ah, eu vou lá no sindicato!

(1) Pois, é! O Luiz Vieira, eu estou querendo falar com ele! Ele está há muito tempo viajando, né?

(2) O Luiz Vieira está viajando.

(1) É. O João Marcelo me falou.

(2) João está velho, está bem acomodado... Não tem mais... Não tem mais essa política. Resolveu fazer o negócio da... dos aposentados... Até meio que meti na cabeça dele isso. Quer dizer, o aposentado só tem futuro na medida que ele se inserir no sindicato fazendo com que o sindicato já tenha uma perspectiva de lutar por isso.

(1) É isso! Os sindicatos agora...

(2) Os sindicatos não têm força política!

(1) Os sindicatos agora, têm que começar também, a dar conta desse tipo de questão... Dos aposentados, dos desempregados...

(2) O sindicalismo hoje, está numa encruzilhada filha da puta. Sabe qual é? É que com o negócio de tu... Esse negócio de... O Aiala dizia um troço assim _____, tanto tempo... “Quando eu estou no sindicato e faço a defesa da sociedade, os caras me chamam de pelego. Quando eu estou fora do sindicato e defendo o sindicato, me chamam de corporativista”. E, o que está acontecendo hoje, de fato, é isto. O movimento sindical tem que levar em conta... Por exemplo, uma greve hoje... É um troço problemático! É um troço problemático! A greve fere interesses. Antigamente, a gente partia do princípio que esses interesses eram superados pela compreensão dos próprios _____, o que não é verdade. Então...

FIM DA ENTREVISTA